

## AVE SUCKSDORFF!

**Diante da inesperada** resposta ao meu primeiro filme, *Caramujo-flor*, que caiu nas graças do público, da crítica e do júri, obtendo quatro prêmios no Festival de Brasília de 1988, decidi queimar etapas e me atirar na experiência inaugural em longa-metragem através de *Ave Sucksdorff*, um ensaio documental sobre a trajetória criativa e política do cineasta e naturalista Arne Sucksdorff, da Suécia aos trópicos.

O primeiro encontro com o personagem se deu em Cuiabá, Mato Grosso, onde ele vivia há 20 anos, seduzido pela natureza exuberante e vulnerável do Pantanal e em particular pelos encantos de Maria Graça, descendente de índios e negros, com quem se casaria meses após fotografá-la para a revista *Life* num bar da capital. Quando o visitei em 1989 ele tinha 73 anos, e sua casa mais parecia um museu improvisado, com fotografias de bichos em família ocupando as paredes da sala e as estantes repletas de livros e revistas nórdicas que alertavam para a devastação do ecossistema do Brasil Central.

Cercado de vestígios idílicos, Arne revela-me, contudo, o drama que o monopolizava e enlouquecia aos poucos, sem perceber: um processo que movia há décadas contra a União. Em plena ditadura militar, Sucksdorff ganhou de presente de casamento uma gleba de 60 mil hectares ao norte do Mato Grosso de um grupo de empresários suecos, impossibilitados pela legislação de investir em grande escala na região. Mas quando o antigo sonho de criar uma reserva ecológica para reintegrar menores abandonados das cidades ao redor começa a se concretizar, as terras são confiscadas pela Funai durante a ampliação do Parque do Xingu. Conhecido defensor dos índios, Sucksdorff se vê numa situação paradoxal, e subitamente perde tudo o que aplicou no plano de ocupação da área.



*Fábula*

*De cima para baixo:*

*Arne Sucksdorff com Maria e filho,  
com Joel Pizzini*

*e degustando seu cachimbo.*



O rigoroso cineasta europeu abandonara o cinema em nome da militância ecológica, produzindo nos anos 70 seu testamento audiovisual: uma série de quatro reportagens para a televisão sueca chamada *Mundo à parte*, produto de uma aventura nômade de 10 anos pelo Pantanal com a mulher, a agrônoma Maria Graça, que resultou em um filho (Anders), dois livros, roteiros e milhares de fotografias.

Originariamente, sua vinda ao Brasil, contudo, fora vinculada à utopia cinematográfica. Antes de trocar a arte pela cultura, ou a cultura pela natureza, Arne desembarca em 1962 no Rio de Janeiro a convite da UNESCO e do Itamaraty para ministrar um Seminário de Cinema cujo foco central era instrumentalizar a chamada segunda geração do Cinema Novo com as técnicas do cinema direto, ensinando a prática do gravador portátil Nagra IV, introduzido no mesmo ano nos EUA. Alimentado a pilha, o Nagra utilizava pela primeira vez o som magnético e permitia tomadas dessincronizadas da imagem. Na bagagem do professor atacam no Rio ainda uma moviola Steinbeck, duas câmeras Arriflex blimpadas (16 e 35 mm) e farto material sensível. Chegavam enfim ao alcance dos jovens cinemanovistas as ferramentas que faltavam para liberar o cinema nacional dos estúdios, refletir o clamor das ruas e escancarar as contradições do país emergente.

Entre os alunos destacam-se Luiz Carlos Saldanha, Eduardo Escorel, Arnaldo Jabor, David Neves, Alberto Salvá, Joaquim Pedro de Andrade, os atores Guarã Rodrigues e Nelson Xavier, e o jornalista Vladimir Herzog, que ao experimentar o cinema dirige o trabalho prático eleito no curso, *Marimbás*, curta sobre a realidade dos pescadores do Posto 6 em Copacabana.

Sob os efeitos do curso e às vésperas do golpe de 64, Arne escreve com o ator Flavio Migliaccio e o dramaturgo João Bethencourt o drama ficcional com métodos documentais *Fábula* ou *Meu lar é Copacabana*, sobre a vida de quatro órfãos, filme que lança novos quadros para o Cinema Novo.

Quando propus *Ave Sucksdorff*, o mestre exigiu porém um filme completo, narrado por seu conterrâneo Max von Sydow

e evocando seus encontros com figuras notáveis como Quincy Jones, autor da trilha sonora de *O menino e a árvore* (1961), com seu amigo Stanley Kubrick (que o hospedara durante a lua de mel com Maria) e o músico Ravi Shankar, que colaborou em *O vento e o rio* (1951). Uma superprodução, imaginei, deixando-me levar pelo ímpeto viking para conceber o argumento. Para conhecer a produção realizada na Europa e mundo afora, organizei na Pauliceia uma retrospectiva quase completa de seus filmes. Na ocasião, o Svenska Institutet doou para a Cinemateca Brasileira uma cópia de seu filmensaio *Ritmos de uma cidade*, que levou o primeiro Oscar do cinema sueco em 1949.

Após a projeção de filmes inéditos na terra que Arne adotou, os ventos nórdicos sopram a favor e *Ave Sucksdorff* é aprovado em concurso público da Embrafilme. A celebração dura pouco, pois antes da assinatura do contrato assume a presidência do país Fernando Collor de Melo, cujo primeiro ato é extinguir a distribuidora estatal que subsidiava o cinema independente. O projeto é abortado e Sucksdorff retorna à Suécia para se tratar, a tempo de escrever uma autobiografia antes de falecer aos 83 anos. Atendendo a seu último desejo, a viúva Maria Graça lança suas cinzas do alto de um balão nas águas do Pantanal.

Vinte anos depois do projeto interrompido, recebo o simbólico convite do CTAV para criar os extras do DVD da série *Mundo à parte* e nasce daí *Elogio da Graça*, revisão *proética* de uma saga à deriva na memória. Sobrevive o ponto de vista da companheira de 30 anos, Maria Graça Sucksdorff, personagem que à sombra do mito colabora silenciosamente para erigir uma obra de fôlego sobre os mistérios e abismos da maior planície inundada do planeta. Através do *Elogio*, ajusto parte das contas com o passado de triste impacto para o personagem e o autor do filme idealizado, submetido como tantos outros a um hiato autoral de sete anos distante do *set* de filmagens. *Ave Sucksdorff!* ■

**Joel Pizzini** é diretor de *500 almas*, *Olho nu*, *Caramujo-flor*, *Enigma de um dia*, *Glauces* e *Elogio da Graça*, entre muitos outros filmes, vídeos e videoinstalações.